

# INTRODUÇÃO À LITERATURA PORTUGUESA II: A ESTÉTICA BARROCA (II) PROSA

## META

Apresentar o modo como se estruturou a produção barroca em prosa na Literatura Portuguesa.

## OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

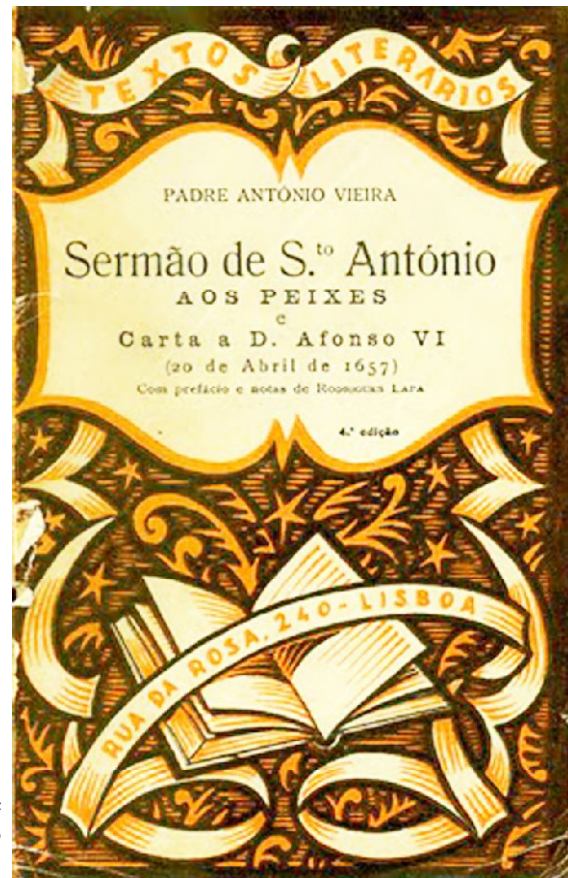
conhecer o modo como as influências do Gongorismo e do Conceptismo se fizeram perceber na produção de Padre Antônio Vieira, D. Francisco Manuel de Melo e Sórora Mariana Alcoforado;

compreender a importância de manifestações em prosa como o sermão e a carta no seio da cultura barroca;

destacar as características gerais da prosa barroca em Portugal, conhecendo seus principais nomes e obras.

## PRÉ-REQUISITOS

Leitura da aula sobre a estética barroca.



Capa do Livro Sermão de Santo Antônio, do Padre Antônio Vieira, que sem dúvida é o maior nome do barroco português (Fonte: <http://4.bp.blogspot.com>)

### INTRODUÇÃO

As razões não hão-de ser enxertadas, hão-de ser nascidas. O pregar não é recitar. As razões próprias nascem do entendimento, as alheias vão pegadas à memória, e os homens não se convencem pela memória, senão pelo entendimento.

(Padre Antônio Vieira, trecho do “Sermão da Sexagésima”, pregado na Capela Real, em 1655)

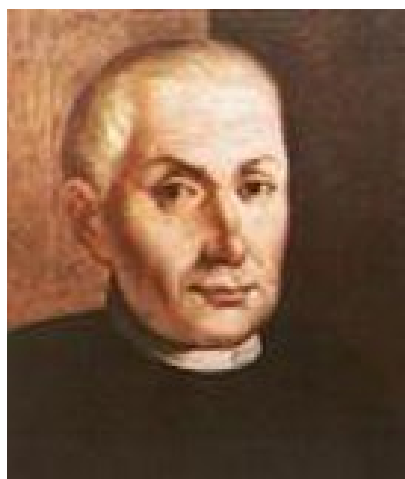
A estética barroca, como vimos na aula anterior, encontrou em Portugal um ambiente propício à sua expansão, ainda que a decadência do poderio português, deflagrada a partir do desaparecimento de D. Sebastião e da submissão à Espanha, através do reinado de Felipe II, tivesse minado a autoestima que havia sustentado uma arte renascentista portuguesa forte e brilhante. Esse ambiente propício se dá extamente pelo estado de ânimo abalado, já que, estética das tensões, o barroco bem poderia respaldar formas de expressão em que esse momento da cultura portuguesa aparecesse retratado. Contudo, diferentemente da Espanha, onde o Barroco lograria alcançar magnitude, em Portugal ficará mais restrito a nomes isolados, por não haver, naquele momento, uma identidade coletiva barroca, que permitisse reunir nomes e obras em torno de uma estética recebida em grupo. Assim, nomes como Padre Antônio Vieira, Padre Manuel Bernardes, D. Francisco Manuel de Melo, Frei Luís de Souza e Sórora Mariana Alcoforado, na prosa, António Francisco Rodrigues Lobo e também D. Francisco Manuel de Melo, na poesia, e António José da Silva, O Judeu, no teatro, aparecem no cenário da literatura barroca portuguesa, deixando, cada um, um legado próprio, ora mais inspirado na estética gongorista, que privilegiava os jogos de ornar com palavras, ora mais afeito ao Conceptismo, que enfatizava uma estruturação de ideias que buscasse conciliar as tensões entre a razão clássica e a comoção de um momento muito voltado para a religião e para a espiritualidade.

Veremos, nesta aula, em primeiro lugar, um panorama da prosa barroca portuguesa, já destacando alguns nomes, para, em seguida, privilegiar autores e obras mais importantes para a compreensão desse momento da cultura portuguesa.

**PANORAMA DA PROSA BARROCA EM PORTUGAL**

Vocês sabiam que a grande tônica da prosa barroca em Portugal foi a produção de sermões e cartas? Entenderam que a Contra-Reforma iria levar muitos religiosos a se comprometerem com o incremento na prática de renovação e de conversão à fé? Assim, no panorama da prosa barroca portuguesa, encontraremos produções como as de Padre Antônio Vieira e Padre Manuel Bernardes, em que a escritura bíblica é revisitada, de modo a que dela se extraíssem ensinamentos passíveis de contribuir para a renovação e a propagação da fé. Nesse sentido, a grande contribuição dos dois escritores foi incidir sobre a linguagem das escrituras, atualizando-a e remetendo-a para um universo de compreensão aberto às necessidades e à realidade do público do século XVII. Antônio Vieira, como veremos adiante, logrou ser a expressão máxima do fusionismo barroco, trabalhando ideias num jogo de palavras ao mesmo tempo compreensível e brilhante. Padre Manuel Bernardes (1644-1710), por sua vez, também teve êxito. Leiamos o que Massaud Moisés comenta sobre a produção de Bernardes:

Suas obras, escritas na paz da clausura, refletem essa condição que, por sua vez, corresponde a uma vocação infensa à vida afetiva e ao trato social. Marca-a um misticismo de eleito, de quem não necessitou de maiores embates da alma para encontrar o caminho que leva a Deus. Dotado de fé inquebrantável, que o recolhimento amparava e nutria, dedica-se à Literatura com os olhos postos no alto. (p.73)



Pe. Manuel Bernardes (fontes:www.  
<http://www.portaldaliteratura.com>)

O comentário de Moisés parte de um contraste entre Vieira e Bernardes. Enquanto o primeiro atuou relacionando-se com a sociedade e, por isso, viu-se compelido a falar, por exemplo, sobre injustiças em relação aos indígenas e aos judeus, sendo um humanista em seu tempo, Bernardes escrevia a partir da experiência da clausura, numa atitude de recolhimento, estabele-

dade emocional e equilíbrio. Sua contribuição, todavia, e principalmente na obra *Nova floresta* (1706-1728), que reunia 5 volumes de sermões, artigos, ensaios, casos exemplares etc, foi conseguir realizar um Conceptismo cheio de fluidez, clareza e inteligência, ainda que sem a dramaticidade aguda do barroco, como veremos no trecho a seguir:

A verdadeira honra de Catão o mais Velho

Dizendo-lhe seus amigos que nas praças de Roma se haviam erigido arcos triunfais e estátuas a outros varões ilustres, e dele se haviam esquecido, respondeu: “Maior crédito meu é que perguntem os vindouros por que me não puseram estátua? do que por que a puseram?”.

Reflexão

Perguntar por que a puseram, supunha ignorância ou esquecimento dos seus méritos. Perguntar por que não a puseram, supunha conhecimento, e memória deles, e estranhez da desatenção do magistrado em não premiá-los. E quem duvida, que mais esclarecidas são as obras, que lembram para demandar o prêmio, do que as que se inquiram para justificá-lo? Não se admire o homem espiritual, de que estas virtudes dos étnicos (gentios) iam infectas com o tumor da estimação própria, porque ainda no mundo não tinha Cristo ensinado com sua palavra e exemplo as veredas profundas e seguríssimas da santa humildade. Com esta resposta de Catão, contentando-se com o merecimento e desprezando o prêmio, se parecem as do caso seguinte, Visitava certo religioso a uma grande senhora deste reino, a que costumavam dar Excelência; mas ele não lhe dava mais que Senhoria; e como não procedia a falta de ser descortês, senão inadvertido, ou demasiadamente lhano, entrou um dia dando-lhe Excelência. Disse ela:

- Mui liberal vem hoje o Padre Fulano.

Respondeu o religioso, para restaurar as quebras passadas

- Majestade desejo eu dar, quanto mais Excelência.
- Ainda há mais que Majestade?, disse a senhora.
- Ainda há mais, tornou ele.
- Como pode isso ser?, respondeu ela.
- Merecê-la.

Estava presente a filha, não menos discreta, e acudiu dizendo

- Ainda há mais que merecê-la.
- Como assim?, disse a mãe.

E ela concluiu:  
- Desprezá-la.  
(MOISÉS, p.74-75)

Observe que o texto de Bernardes parte da citação de um episódio da tradição clássica pagã e o reatualiza, integrando-o ao exemplo e à palavra de Cristo, que pedia a humildade humana e o repúdio à vaidade. Para tornar ainda mais clara a compreensão da mensagem, Bernardes usa um caso extraído de repertório cultural e popular português, com o qual espelha tanto a fala de Catão quanto a referência a Cristo. O desfecho, com a intervenção inteligente da filha, que mostra a necessidade de sabermos recusar os falsos elogios e as intenções de apelar à nossa vaidade, simplifica ainda mais o efeito final do texto como um todo.

A epistolografia, ou a produção de cartas, recebeu no século XVII uma força relevante. Tornou-se uma espécie de febre. Como o movimento da imprensa ainda era incipiente, eram as cartas o meio mais eficaz de fazer circular informações de ordem pessoal ou de interesse público. Libertando-se da tradicional forma em verso, a carta passou a ser escrita em prosa e ganhou o interesse de literatos. A grande influenciadora da nova forma da epistolografia foi Madame de Sévigné, que, iniciando-se como missivista em 1671, escreveu oito volumes de cartas (*Lettres*). Em Portugal, aderiram ao modelo Pade Antônio Vieira, Francisco Manuel de Melo, Frei Antônio das Chagas e Sórora Mariana de Alcoforado, esta última com colaboração bastante importante pelo modo como revelou a subjetividade feminina ainda muito restrita em termos de possibilidade de expressão escrita. O outro expoente nesse tipo de produção foi D. Francisco Manuel de Melo, como veremos também mais adiante.

Ainda no conjunto da prosa barroca portuguesa, encontraremos contribuições importantes na historiografia. Nesse âmbito, foram importantes D. Francisco Manuel de Melo e Frei Luís de Sousa. Frei Luís de Sousa (1555-1632), cujas complicações na vida amorosa anterior à entrada no convento iriam inspirar, no Romantismo, a peça Frei Luís de Sousa, de Almeida Garrett, escreveu obras de valor histórico pela precisão dos dados e seriedade na pesquisa. Suas mais importantes obras foram: *Vida de Frei Bartomoleu dos Mártires* (1619), *História de São Domingos* (1623-1678) e *Anais de D. Joao III* (publicados somente em 1844).

Lembremos, ainda, de Matias Aires (1705-1763), que com suas *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens* (1752), obra em que discorre sobre valores morais em tom pessimista, estará na fronteira com a estética árcaica, ainda que não faça uso do racionalismo, mas de uma expressão de ordem mais subjetiva.

Para finalizar, mencionamos uma curiosa obra: *A arte de furtar* (1652), que circulou anônima e à qual se atribuem autorias diversas, como Vieira,

Padre Manuel da Costa, António de Sousa Macedo, e outros mais. A obra, abusando dos recursos da estética barroca, trata dos permenores das traças que ocorriam na Corte e na administração portuguesa na época de D. João IV, durante a Restauração. Saraiva atribui a essa obra o caráter mais panfletário do barroco português.

### PADRE ANTÔNIO VIEIRA



Padre Antônio Viera (fontes:  
[www. http://www.snpcultura.org](http://www.snpcultura.org))

Padre Antônio Vieira (1608-1697) é, sem dúvida, o maior nome do barroco português. Integra, ainda, a Literatura Brasileira, por ter sido educado no Brasil e pela decorrente presença maciça do referente cultural brasileiro em seus textos. Autor de vasto material de valor literário, Vieira soube conciliar sua missão de evangelizador à arte de escrever, impedindo que os textos produzidos perdessem seu valor simbólico e artístico por uma contaminação excessiva da filosofia cristã a qual estava vinculado. Fez do Conceptismo um estilo próprio em sua veia literária capaz de realizar o fusionismo de contrastes de forma inteligente, interessante e coesa. De outro lado, no plano da atuação na vida prática, foi um defensor dos direitos humanos. Leiamos o que Saraiva, em dois trechos, afirma sobre a atuação política e o estilo literário de Vieira:

Foi ele o principal conselheiro e inspirador da política de proteção aos Cristãos-novos como forma de obter recursos para sustentar a guerra da independência. Procurou, por outro lado, introduzir em nosso país a política econômica holandesa das companhias coloniais monopolistas, sendo neste aspecto um precursor de Pombal. Aos seus esforços de deve em grande parte a constituição da Companhia Geral do Comércio do Brasil. (p.79)

Vieira teve a consciência do papel da burguesia e do comércio colonial como base da vida portuguesa após a Restauração admirava a organização econômica da Holanda, o país mais burguês e progressivo da época. Por outro lado, tendo-se empenhado na

defesa dos cristãos-novos oprimidos e na liberdade dos ameríndios escravizados, elevou-se por vezes, no calor da polémica, a uma visão desinteressada dos direitos do homem, que deixou acentos emocionantes em algumas das suas páginas, como o Sermão das verdadeiras e falsas riquezas. Esta lucidez e este humanismo activo revelam-se literariamente na limpidez, argumentação geométrica e sentido do concreto de alguns dos pareceres que redigiu e de algumas cartas sobre as suas viagens missionárias em que ressuscita o realismo da literatura geográfica quinhentista. Mesmo nos seus sermões mais barrocos e escolásticos Vieira se distingue pelo vigor musculado e nervoso da frase e pelo extraordinário sentido de propriedade vocabular. Na estrutura apertada de seus sermões nada é deixado ao acaso ou a um vago sentimento. (p.80-81)

Essa faceta de homem prático e atuante fez com que Vieira desse a seus textos um tratamento objetivo, no sentido de torná-los, ao mesmo tempo, impactantes e compreensíveis. É conhecida sua habilidade para desenvolver uma ideia a partir do estabelecimento de contrastes até chegar a um ponto de convergência final e esclarecedor. Vejamos um trecho do *Sermão de Santo António*, também conhecido como *Sermão dos Peixes*:

*Vos estis sal terrae.* S. Mateus, V, 13.

I

Vós, diz Cristo, Senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção; mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra se não deixa salgar. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina; ou porque a terra se não deixa salgar e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhes dão, a não querem receber. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores dizem uma coisa e fazem outra; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazer o que dizem. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores se pregam a si e não a Cristo; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, em vez de servir a Cristo, servem a seus apetites. Não é tudo isto verdade? Ainda mal!

Suposto, pois, que ou o sal não salgue ou a terra se não deixe salgar; que se há-de fazer a este sal e que se há-de fazer a esta terra? O que se há-de fazer ao sal que não salga, Cristo o disse logo: *Quod si sal evanuerit, in quo salietur? Ad nihilum valet ultra, nisi ut mittatur foras et conculcetur ab hominibus.* «Se o sal perder a substância e a virtude, e o pregador faltar à doutrina e ao exemplo, o que se

lhe há-de fazer, é lançá-lo fora como inútil para que seja pisado de todos.» Quem se atrevera a dizer tal cousa, se o mesmo Cristo a não pronunciara? Assim como não há quem seja mais digno de reverência e de ser posto sobre a cabeça que o pregador que ensina e faz o que deve, assim é merecedor de todo o desprezo e de ser metido debaixo dos pés, o que com a palavra ou com a vida prega o contrário.

Isto é o que se deve fazer ao sal que não salga. E à terra que se não deixa salgar, que se lhe há-de fazer? Este ponto não resolveu Cristo, Senhor nosso, no Evangelho; mas temos sobre ele a resolução do nosso grande português Santo António, que hoje celebramos, e a mais galharda e gloriosa resolução que nenhum santo tomou.

Pregava Santo António em Itália na cidade de Arimino, contra os hereges, que nela eram muitos; e como erros de entendimento são dificultosos de arrancar, não só não fazia fruto o santo, mas chegou o povo a se levantar contra ele e faltou pouco para que lhe não tirassem a vida. Que faria neste caso o ânimo generoso do grande António? Sacudiria o pó dos sapatos, como Cristo aconselha em outro lugar? Mas António com os pés descalços não podia fazer esta protesta; e uns pés a que se não pegou nada da terra não tinham que sacudir. Que faria logo? Retirar-se-ia? Calar-se-ia? Dissimularia? Daria tempo ao tempo? Isso ensinaria porventura a prudência ou a covardia humana; mas o zelo da glória divina, que ardia naquele peito, não se rendeu a semelhantes partidos. Pois que fez? Mudou somente o púlpito e o auditório, mas não desistiu da doutrina. Deixa as praças, vai-se às praias; deixa a terra, vai-se ao mar, e começa a dizer a altas vozes: Já que me não querem ouvir os homens, ouçam-me os peixes. Oh maravilhas do Altíssimo! Oh poderes do que criou o mar e a terra! Começam a ferver as ondas, começam a concorrer os peixes, os grandes, os maiores, os pequenos, e postos todos por sua ordem com as cabeças de fora da água, António pregava e eles ouviam.

Se a Igreja quer que preguemos de Santo António sobre o Evangelho, dê-nos outro. Vos estis sal terrae: É muito bom texto para os outros santos doutores; mas para Santo António vem-lhe muito curto. Os outros santos doutores da Igreja foram sal da terra; Santo António foi sal da terra e foi sal do mar. Este é o assunto que eu tinha para tomar hoje. Mas há muitos dias que tenho metido no pensamento que, nas festas dos santos, é melhor pregar como eles, que pregar deles. Quanto mais que o são da minha doutrina, qualquer que ele seja tem tido nesta terra uma fortuna tão parecida à de Santo António em Arimino, que é força segui-la em tudo. Muitas vezes vos tenho pregado nesta igreja, e noutras, de manhã e de tarde, de dia e de noite, sempre com doutrina muito clara, muito sólida, muito verdadeira, e a que mais necessária e importante é a esta terra para emenda e reforma dos vícios que a corrompem. O fruto que tenho colhido desta doutrina, e se a terra tem tomado o sal, ou se tem tomado dele, vós o sabeis e eu por vós o sinto.



Isto suposto, quero hoje, à imitação de Santo António, voltar-me da terra ao mar, e já que os homens se não aproveitam, pregar aos peixes. O mar está tão perto que bem me ouvirão. Os demais podem deixar o sermão, pois não é para eles. Maria, quer dizer, Domina maris: «Senhora do mar»; e posto que o assunto seja tão desusado, espero que me não falte com a costumada graça. Ave Maria.

Nesse sermão Vieira explora o valor semântico do termo “sal da terra”, segundo a palavra de Cristo e o desvirtuamento desse valor a partir de uma atuação não compatível com a doutrina cristã tanto por parte de homens que se colocam na função de serem o “sal da terra”, por supostamente pregarem a palavra de Cristo, como por parte da “terra”, metáfora dos ouvintes, que também supostamente deveriam se deixar impregnar pelo sal, a palavra do pregador. Observe como Vieira desenvolve o raciocínio para explicar como o sal (o pregador) pode “não salgar” e/ou a terra (o povo, os ouvintes) pode não se permitir salgar pelo sal. Em seguida, para defender seu ponto de vista acerca do destino merecido dos falsos pregadores e dos maus ouvintes, ele toma a figura de Santo Antônio no episódio em que, ao se ver incompreendido pelo povo, que não quer receber o “sal da terra”, não desiste de pregar e faz dos peixes seu público. Em lição exemplar, Vieira diz ao povo que este terá que repensar-se como ouvinte, tornando-se o novo peixe, a quem o pregador comprometido com a palavra cristã destinará seu sal. Com esse jogo de palavras: sal, terra, verdade e mentira, Vieira busca despertar a autoconsciência crítica dos ouvintes acerca de serem ou não a terra que se deixa salgar ou a terra irremediavelmente corrompida.

Entre toda a produção de Vieira, destacam-se: o Sermão da Sexagésima, Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda, Sermão da Primeira Dominga da Quaresma, Sermão da Quinta Dominga da Quaresma e História do Futuro (1718) e Esperanças de Portugal, impregnadas de tom profético e de espírito sebastianista.

## D. FRANCISCO MANUEL DE MELO



D. Francisco Manuel de Melo (fontes: [www. http://upload.wikimedia.org](http://upload.wikimedia.org)).

D. Francisco Manuel de Melo (1608-1666), como o título indica, tinha origem nobre e representa, entre os barrocos portugueses, a versatilidade na produção, sendo conhecido por sua poesia, historiografia, crítica, obras dramáticas e cartas. Massaud Moisés referencia como 20.000 o número de cartas de sua autoria. A vida conturbada, que incluiu três anos de exílio no Brasil e a prisão por dez anos, forneceu matéria para sua vasta produção, que inclui aspectos observados nas diferentes situações que vivenciou. Em poesia, a obra *Obras métricas* (1665) contém nove partes e apenas uma delas está escrita em português. Ali se revela o traço gongorista de seu estilo lírico. Na historiografia destacaram-se *Epanáforas de Vária História Portuguesa* (1660), onde registrou os “acidentes” de sua vida. Moisés se refere à última epanáfora, intitulada “Epanáfora amorosa”, onde conta a lenda da Ilha da Madeira que teria sido descoberta por um casal de amantes, os ingleses Ana de Arfet e Roberto Machin. O termo “epanáfora” que nomeia um artifício retórico construído pela repetição de palavras num enunciado foi tomado em outro sentido por D. Francisco, que, seguindo Tácito, veria no termo uma forma de nomear uma produção em prosa historiográfica de caráter didático.

Foi, entretanto, nas cartas que ele traduziu de forma mais criativa todas essas vivências. Moisés diz: “Esse caráter moralista, aliado à linguagem popular, de mescla com arcaísmo ou conservantismos, é a nota de interesse.” (p. 72). Carta de guia de casados (1651) é famosa pela veia humorística com que trata as relações conjugais. Leiamos parte do capítulo III:

Uma das coisas que mais assegurar podem a futura felicidade de casados é a proporção do casamento. A desigualdade no sangue, nas idades, na fazenda, causa contradição; a contradição, discórdia. E eis daqui os trabalhos por onde vêm. Perde-se a paz, e a vida é inferno. Para satisfação dos pais convém muito a proporção do sangue, para o proveito dos filhos, a da fazenda, para o gosto dos casados, a das idades. Não porém que seja preciso uma conformidade, de dia a dia, entre o marido e mulher; mas que não seja excessiva a vantagem de um a outro. Deve ser esta vantagem, quando a haja, sempre a parte do marido em tudo à mulher superior. E quando em tudo sejam iguais, essa é a suma felicidade do casamento.

Dizia um nosso cortesão, havia três castas de casamento no mundo: casamento de Deus, casamento do diabo, casamento de morte. De Deus, o do mancebo com a moça. Do diabo, o da velha com o mancebo. Da morte, o da moça com o velho.

Ele certo tinha razão porque os casados moços podem viver com alegria; as velhas casadas com moços vivem em perpétua discórdia; os velhos casados com moças apressam a morte, ora pelas desconfianças, ora pelas demasias.

Mas porque estas coisas são muito gerais, e ainda os incapazes têm delas conhecimento que aos entendidos lhes sobeja, é tempo de passar a alguns mais particulares avisos.

Veja como, por meio de seu texto, D. Francisco toca em padrões conhecidos de pares conjugais (moço-moça, velha-moço e moça-velho) para chegar à definição de um casamento bem-sucedido. Fazendo uso do paralelismo, associa o primeiro tipo de casal a um “casamento de Deus”, o segundo a um “casamento do diabo” e o terceiro a um “casamento de morte”. Depois, explica o paralelismo, com um toque de graça irônica. Esse texto sobrevive com um testemunho dos valores sociais da época, principalmente do machismo que recusava à mulher, como afirma Saraiva, “qualquer personalidade própria e todo o direito à autonomia” (p. 84).

Saraiva contempla ainda a importância de D. Francisco como crítico literário, destacando sua personalidade independente e o trabalho de revisar as literaturas portuguesa e castelhana: “contesta-se, por exemplo, a pretensa superioridade dos autores antigos sobre os modernos; defende-se a relatividade do gosto literário, etc.” (p. 84).

D. Francisco Manuel de Melo foi, portanto, um nome importante para dar movimento à produção literária portuguesa num momento de decadência e baixa autoestima

## SÓROR MARIANA ALCOFORADO



Sórora Mariana Alcoforado (fontes: [www.  
http://macarrao2.blog.uol.com.br](http://www.macarrao2.blog.uol.com.br))

É controversa a presença de Sórora Mariana Alcoforado na Literatura Portuguesa, pelos mistérios que rondam as famosas *Lettres Portugaises* ou *Cartas de Amor*, reunião de cartas de amor, originalmente escritas em francês e vertidas para o português, segundo Moisés, em 1810, por Filinto Elísio. O fato de terem sido escritas em francês e se relacionarem a um caso de amor entre uma religiosa e um militar francês, de nome Chamilly, que atuara em Portugal na época da Restauração carregam os textos de inexatidões. Claro

está que a experiência amorosa de uma religiosa já seria por si só motivo de vetos, daí, como afirma Moisés que “Apenas se pode afirmar, com alguma segurança, que as mesmas tiveram por base a história amorosa de uma freira do Convento de N. S. da Conceição, de Beja (Alentejo), de Mariana Alcoforado, e de um oficial francês, Chamilly” (p. 80). O que nos importa, todavia, é o conteúdo das cartas que expressam violenta paixão, filtrada e descrita pela sensibilidade feminina, em jogo de palavras carregadas de sinceridade e envolvendo a tensão entre o recordar e o esquecer, o repúdio e a súplica ao retorno do amado. Vejamos a Carta terceira:

Que será de mim? Que queres tu que eu faça? Estou tão longe de tudo quanto imaginei! Esperava que me escrevesse de toda a parte por onde passasses e que as tuas cartas fossem longas; que alimentasses a minha paixão com a esperança de voltar a ver-te; que uma inteira confiança na tua fidelidade me desse algum sossego, e ficasse, apesar de tudo, num estado suportável, sem excessivo sofrimento. Tinha até formado uns vagos projectos de fazer todos os esforços que pudesse para me curar, se tivesse a certeza de me haveres esquecido por completo. A tua ausência, alguns impulsos de devoção, o receio de arruinar inteiramente o que me resta de saúde com tanta vigília e tanta aflicção, as poucas possibilidades do teu regresso, a frieza dos teus sentimentos e da tua despedida, a tua partida justificada com falsos pretextos, e tantas outras razões, tão boas como inúteis, prometiam ser-me ajuda suficiente, se viesse a precisar dela. Não sendo, afinal, senão eu própria o meu inimigo, não podia suspeitar de toda a minha fraqueza, nem prever todo o sofrimento de agora.

Ai, como sou digna de piedade por não partilhar contigo as minhas mágoas, e ser só minha a desventura! Esta ideia mata-me, e morro de terror ao pensar que nunca te houvesse entregado completamente aos nossos prazeres. Sim, reconheço agora a falsidade do teu arrebatamento. Enganaste-me sempre que falaste do encantamento que sentias quando estavas a sós comigo. Unicamente à minha insistência devo os teus cuidados e a tua ternura. Intentaste desvairar-me a sangue-frio; nunca olhaste a minha paixão senão como um troféu, o teu coração não foi verdadeiramente atingido por ela. Serás tão infeliz, e terás tão pouca delicadeza, que só para isso te servisse o meu ardor? E como é possível que, com tanto amor, não te houvesse feito inteiramente feliz? Tenho pena, por amor de ti apenas, dos infinitos prazeres que perdeste. Será possível que não te tenham interessado? Ah, se os conhecesses, perceberias, sem dúvida, que são mais delicados do que o de me haveres seduzido, e terias compreendido que é bem mais comovente, e bem melhor, amar violentamente que ser amado.

Não sei o que sou, nem o que faço, nem o que quero; estou despedaçada por mil sentimentos contrários. Pode imaginar-se estado

mais deplorável? Amo-te de tal maneira que nem ousar sequer desejar que venhas a ser perturbado por igual arrebatamento. Matar-me-ia ou, se o não fizesse, morreria desesperada, se viesse a ter a certeza que nunca mais tinhas descanso, que tudo te era odioso, e a tua vida não era mais que perturbação, desespero e pranto. Se não consigo já suportar o meu próprio mal, como poderia ainda com o teu, a que sou mil vezes mais sensível? Contudo, não me resolvo a desejar que não penses em mim; e confesso ter ciúmes terríveis de tudo o que em França te dá gosto e alegria, e impressiona o teu coração.

Não sei porque te escrevo: terás, quando muito, piedade de mim, e eu não quero a tua piedade. Contra mim própria me indigno, quando penso em tudo o que te sacrifiquei: perdi a reputação, expus-me à cólera de minha família, expus-me à cólera de minha família, a severidade das leis deste país para com as freiras, e à tua ingratidão, que me parece o maior de todos os males. Apesar disso, creio que os meus remorsos não são verdadeiros; do fundo do meu coração queria ter corrido ainda perigos maiores pelo teu amor, e sinto um prazer fatal por ter arriscado a vida e a honra por ti. Não deveria oferecer-te o que tenho de mais precioso? E não devo sentir-me satisfeita por ter feito o que fiz? O que me não satisfaz, pelo menos assim me parece, é o sofrimento e o desvario deste amor, embora não possa, pobre de mim!, iludir-me a ponto de estar contente contigo. Vivo - que infidelidade! - e faço tanto por conservar a vida como por perdê-la! Morro de vergonha! Então o meu desespero está só nas minhas cartas? Se te amasse tanto como já mil vezes te disse, não teria morrido há muito tempo? Enganei-te, és tu que deves queixar-te de mim. Ah, porque não te queixas? Vi-te partir, não tenho esperança de te ver regressar e no entanto respiro. Atraiçoei-te; peço-te perdão. Mas não, não me perdoes! Trata-me com dureza. Que a violência dos meus sentimentos te não baste! Sê mais exigente!

Ordena-me que morra de amor por ti! Suplico-te que me ajudes a vencer a fraqueza própria de uma mulher, e que toda a minha indecisão acabe em puro desespero. Um fim trágico obrigar-te-ia, sem dúvida, a pensar mais em mim; talvez fosses sensível a uma morte extraordinária, e a minha memória seria amada. Não é isso preferível ao estado a que me reduziste?

Adeus. Era melhor nunca te ter visto. Ah, sinto até ao fundo a mentira deste pensamento e reconhecimento, no momento em que escrevo, que prefiro ser desgraçada amando-te do que nunca te haver conhecido. Aceito, assim, sem uma queixa, a minha má fortuna, pois não a quiseste tornar melhor. Adeus: promete-me que terás saudades minhas se vier a morrer de tristeza; e oxalá o desvario desta paixão consiga afastar-te de tudo. Tal consolação me bastará, e se é forçoso abandonar-te para sempre, queria ao menos não te deixar a nenhuma outra. E serias tão cruel que te servisses do meu desespero para te tornares mais sedutor, e te gabares de ter despertado a maior paixão

do mundo? Adeus, mais urna vez. Escrevo-te cartas tão longas! Não tenho cuidado contigo! Peço-te que me perdoes, e espero que terás ainda alguma indulgência com uma pobre insensata, que o não era, como sabes, antes de te amar. Adeus; parece-me que te falo de mais do estado insuportável em que me encontro; mas agradeço-te, com toda a minha alma, o desespero que me causas, e odeio a tranquilidade em que vivi antes de te conhecer Adeus. O meu amor aumenta a cada momento. Ah, quanto me fica ainda por dizer... (MOISÉS, p. 81-82)

O dilema vivido pela mulher abandonada, que se divide entre o adeus e o desejo da retomada da relação, tendo ainda que conviver com o silêncio do amado, revela-se no turbilhão das emoções vertidas em palavras que ora se complementam ora se contradizem, como é exemplo: “Adeus. Era melhor nunca te ter visto. Ah, sinto até ao fundo a mentira deste pensamento e reconheço, no momento em que escrevo, que prefiro ser desgraçada amando-te do que nunca te haver conhecido.” Massaud Moisés diz que a Literatura Portuguesa terá que esperar pelo século XX e a presença de Florbela Espanca para voltar a ler um texto de tamanha carga dolorosa aliada à espontaneidade e à veracidade dos sentimentos expressos.

### CONCLUSÃO

A prosa barroca, em Portugal, como vimos, tem um estilo insuperável, pela grandiosidade da obra de Pe. Antônio Vieira e o que ela representa para o crescimento da humanidade. Esse orador célebre nos deixou sermões inumeráveis, em defesa dos mais discriminados, como índios e judeus; além do valor ético, há na sua oratória um conteúdo exemplar, crítico, moralizante, elaborado com perfeição e requinte. Acreditamos que suas ideias avançadas, suas palavras destemidas, seu texto perfeito, tenham colocado o Barroco em Portugal num lugar de honra em relação a essa estética literária nos demais países.

### RESUMO

Na produção literária portuguesa em forma de prosa no período barroco ( século XVII ), destacaram-se nomes como o Padre Antônio Vieira, cuja capacidade de desenvolver um estilo próprio de Conceptismo foi notável, permitindo-lhe que deixasse um legado de textos de valor universal; como D. Francisco Manuel de Melo, famoso por sua versatilidade, crítica literária e crítica moralista aos costumes da época e como Sórora Mariana Alcoforado, cujas cartas de amor trouxeram à luz a sensibilidade e a subjetividade feminina em tempos de contradições barrocas. Os sermões e as cartas foram os principais subgêneros que circularam na época, tendo sofrido grande contaminação do confronto entre a religiosidade e a razão clássica.



**ATIVIDADES**

1. Interprete, com suas palavras, o que quis dizer a filha ao finalizar com “Desprezá-la” sua opinião sobre o que falavam a mãe e o padre no caso contado por Bernardes em *A verdadeira honra de Catao o mais Velho*.
2. Leia novamente o trecho do Sermão de Santo António e explique em que casos a eficácia de uma pregação fica comprometida.
3. Extraia da terceira carta de Sórora Mariana Alcoforado outros trechos que exemplifiquem a contradição de sentimentos, típica da tensão barroca.

**COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES**

Leve em consideração a possível relação entre o episódio e o que disse Catão acerca de ter uma estátua em sua homenagem e o exemplo de Cristo acerca da humildade.

1. Para desenvolver sua resposta, você deve observar as duas funções da linguagem trabalhadas por Vieira ou por ele representadas nas figuras metafóricas do emissor (o sal) e o receptor (a terra).
2. O dizer e depois negar o que foi dito marcam e identificam essa contradição. Releia com atenção o texto e destaque novos exemplos.

**AUTOAVALIAÇÃO**

Após a leitura da aula, ficou clara para mim a importância da prosa barroca para o enriquecimento da cultura humanística?

Em relação à Sórora Mariana do Alcoforado, percebi que a linguagem sentimental, as expressões de tristeza, ao mesmo tempo em que mostram as tensões interiores, contradições da época, antecipam o estilo romântico, que ocorrerá dois séculos mais tarde?

Reconheci a linguagem marcadamente conceptista na prosa de Vieira?

**PRÓXIMA AULA**

Na próxima aula, será apresentado o Arcadismo em Portugal, o contexto histórico, as características gerais do período e seus principais autores.



## REFERÊNCIAS

- MELO, D. Francisco Manuel de. Disponibilizada em < <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/dfmelo2.htm>>.
- MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 1962.
- \_\_\_\_\_. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, s/a.
- PROENÇA FILHO, Domício. **Estilos de época na Literatura brasileira**. São Paulo: Scipione, 1989.
- SARAIVA, Antônio José; LOPES, Óscar. **História da literatura portuguesa**. 14a. ed. Porto: Porto Editora Lda., s/a .
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. **Teoria da Literatura**. Coimbra: Livraria Almedina, 1982.
- VIEIRA, Padre Antônio. **Textos literários em meio eletrônico**. Obra disponibilizada em Internet pela UFSC. <http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/sermoes.html> acesso?